

Recibido 3 de abril de 2016 / Aceptado 30 de enero de 2017

***DA PESSOA AO CORPO VIVO PELA “ABERTURA” AO ESPÍRITO
SEGUNDO EDITH STEIN:
UM SENTIDO PARA A HUMANIZAÇÃO HOSPITALAR***

**FROM THE PERSON TO THE BODY ALIVE BY THE “OPENNESS”
TO THE SPIRIT ACCORDING TO EDITH STEIN:
A SENSE FOR HOSPITALARY HUMANIZATION.**

RAMIRO DÉLIO BORGES DE MENESES¹

Resumo: Neste texto procuramos uma aproximação ao pensamento de Edith Stein, no sentido de determinar uma fundamentação pedagógica e antropológica para a humanização em saúde. A fecundidade e valor do pensamento fenomenológico desta filósofa torna possível uma nova forma de ver a humanização em saúde a partir do conceito de pessoa e de formação.

Palavras-Chave: Edith Stein, Humanização em Saúde, Pessoa e Formação.

Abstract: In this paper we seek an approximation to the thought of Edith Stein, in order to determine an anthropological and pedagogical basis for the humanization of health. The fertility and value of phenomenological thought of this philosopher makes possible a new way of seeing the humanization of health from the concept of person and training.

Keywords: Edith Stein, Humanizing Health, Person, and Training.

¹ Vila de Lajes, Açores, 21 de noviembre de 1949. Doctor en Filosofía. Facultad de Filosofía. Universidad Católica de Portugal. borges272@gmail.com.

A comunidade de pessoas revela-se na dimensão dos fenómenos sociais, que propõe uma leitura fenomenológica sobre a pessoa humana revista pelas diversas relações. Naturalmente, o ser social do homem revela-se em toda a sua pluralidade, como nos diz E. Stein: “o homem realiza atos sociais; mantém relações sociais; é membro de estruturas sociais; é um ser social”.² Assim sendo, o indivíduo percebe que, na vida comunitária, existe a identificação com aquilo que é próprio e comum a todos e, ao mesmo tempo, preserva a liberdade e individualidade na coletividade.

A humanização, em saúde, traduz-se como uma “coletividade clínica”. As pessoas desta coletividade revelam-se na relação médico-doente. Segundo o espírito de E. Stein, a relação entre o indivíduo e a comunidade é descrita fenomenologicamente a partir de três momentos: a pessoa humana, na dimensão individual, apresenta-se no nível mais profundo do ser humano, isto é, na “interioridade de si”, onde a pessoa começa a despertar para o conhecimento de si mesmo, do Outro, do mundo e de Deus. Daqui resultará o despertar para acolher o toque do inefável, onde brota o desejo para realizar o que eticamente será justo e correto, como diz e bem Kátia Coelho³. Contudo, será necessário que o indivíduo avalie as razões favoráveis e contrárias a uma atitude ética e tome consciência da decisão para discernir o que é justo e/ou correto, dado que o homem isolado terá maior dificuldade para avaliar todas as decisões, *pro vel contra*, que influenciam na opção de uma atitude ética. Tudo isto, segundo o pensar de Edith Stein, cabe no mundo da humanização em saúde. Será, pois, necessário que a pessoa e as pessoas se deixem iluminar pelo toque sobrenatural, como fonte de verdade, para que seja transformado o toque natural. Humanização em saúde vive destes dois toques, ora do natural, ora do sobrenatural, segundo a nossa perspetiva.

Na perspetiva de E. Stein, a passagem do Reino da Natureza para o Reino da Graça deve ser dada livremente pelo sujeito, que será transladado de um a outro e não pode ser efetuado sem a sua colaboração. Entre o Reino da Natureza e o Reino da Graça introduz-se o Reino da Liberdade⁴. Desta forma, para Edith Stein, capta-se a essência do ser humano : corpo, alma e espírito, sendo no espírito que se revela o núcleo da alma, o toque do inefável, onde a marca do Eterno se torna presente, no ser humano, por

² EDITH STEIN, *La estructura de la persona humana*. Espiritualidad. Madrid, 1998, 246.

³ Cf. KÁTIA GARDÊNCIA SILVA COELHO, *A liberdade na relação individuo e comunidade segundo Edith Stein*, Programa de Pós-graduação em Filosofia, Brasil, texto “online” 101.

⁴ Cf. EDITH STEIN, *Escritos Filosóficos: etapas de pensamiento cristiano*. Monte Carmelo, Madrid, 2007, 71.

meio da graça⁵. Da mesma forma, a humanização em saúde tem um corpo, uma alma e um espírito. Há sempre dois corpos (*corpus medicum et corpus pathologicum*), duas almas (uma sã, outra doente) e um espírito (*sanitatis desiderium*). Será este último elemento da humanização, que determina a dimensão cairológica da mesma.

A conceção de alma, segundo E. Stein, refere-se ao sentido da alma espiritual, compreendida como aquele lugar em que a natureza humana tem o seu ponto dominante. Nas suas palavras: “É ela quem dá ao todo o carácter da personalidade e de autêntica individualidade, quem faz que todos os estratos estejam penetrados por este carácter”⁶. De facto, segundo Edith Stein, a unidade da alma e do corpo é de natureza corporal-anímica. Essa união é essencial para ambos. A experiência interna, *in lato sensu*, apresenta-se através dos sentimentos de dor ou de alegria, que expressa a perceção da união da alma e do corpo. Tal como se manifesta na humanização em saúde. Na verdade, segundo a fenomenologia de E. Stein, a corporeidade será vista sob diversos ângulos, tais como: corpo vivo, corpo material, vinculação do corpo vivo com um sujeito, corpo que sente, corpo organismo vivo, corpo como órgão da vontade, corpo de expressão, etc. Todos estes modos de expressar a corporeidade visam manifestar a constituição do corpo e que o “corpo vivo” é um corpo material, como qualquer outro, e possui as mesmas características⁷. Na linha de Edith Stein, o corpo vivo, considerado como corpo material, possui diversos modos de se manifestar. O corpo material manifesta-se como uma “coisa espacial, delineada e com extensão tridimensional e encontra-se submetido às leis da física e da geometria métrica, ou seja, ocupa um lugar no espaço e no tempo e distancia-se de qualquer outra coisa espacial.

Com efeito, além de ocupar um lugar próprio no espaço, o corpo material possui o poder de dar-se a uma consciência, pese embora não seja de forma total, visto que acontece ainda de maneira parcial, pois que o dar-se em plenitude exige pertencer a uma infinita multiplicidade de intuições⁸. Assim, poderemos encontrar este sentido da corporeidade, nas seguintes palavras: “A cada corpo vivo está ordenado um determinado sujeito, para

⁵ Cf. EDITH STEIN, *A Ciência da Cruz, Estudos sobre S. João da Cruz*, Loyola, S. Paulo, 2004, 149-150.

⁶ Cf. EDITH STEIN, *La estructura de la persona humana*, Espiritualidad, Madrid, 1998, 180.

⁷ Cf. EDITH STEIN, *Escritos Filosóficos, Obras Completas - II, Etapa Fenomenológica*, Espiritualidad, Madrid 2005, 788.

⁸ Cf. *Ibidem* 789.

quem a multiplicidade de suas manifestações não é ilimitada, a quem ele, em contraposição a todos os demais sujeitos, não pode mostrar por princípio cada uma de suas possíveis vistas parciais. Esta limitação de sua percepção se encontra intimamente relacionada com o fato de que precisamente esse sujeito não pode variar livremente a sua posição com respeito ao corpo (e isto sucede com respeito a qualquer outro corpo e todos os demais sujeitos com respeito a esse corpo)⁹. Desta feita, segundo Edith Stein, a vinculação do corpo vivo, como sujeito, realiza-se por meio da sua conexão com o mundo exterior, o corpo vivo – realidade física – não se diferencia das demais coisas existentes no mundo. Todavia, a respeito do corpo vivo, no dizer de Kátia Silva Coelho, poderemos perceber que a formação de se manifestar aos sujeitos cognoscentes ocorre de modo diferente, isto é, diferencia-se das demais coisas. Logo, a vinculação do corpo vivo a um sujeito ou a uma consciência individual revela-se nas “peculiaridades”, que caracterizam o corpo vivo. Estas revelam-se na sensibilidade constituinte do corpo material e da alma. O corpo material está unido a um sujeito e à vida consciente. Logo, a sensibilidade cumpre o papel de mediação entre o corpo e a alma¹⁰. Na humanização também existe esta mediação, por parte da sensibilidade do médico e do doente, onde estão presentes dois corpos vivos, um são (médico) e outro representado no doente. A sensibilidade é uma qualidade que se encontra somente nos corpos materiais. Na verdade, a sensibilidade poderá ser designada no mesmo modo como qualidade desse sujeito, como qualidade de seu corpo vivo¹¹. Assim, para Edith Stein, o corpo material vivo não somente se denomina como corpo material, visto que possui uma índole e se insere na conexão real-causal, mesmo que cada índole de sua ação seja diferente ao salientar-se a condição corpórea viva de índole material. Com efeito, para que existam as sensações do corpo vivo será necessário perceber a sua dependência, tanto no mundo material, quanto no ambiente material.

Segundo E. Stein, o sujeito, como portador de um corpo vivo, exerce a sua capacidade para ordenar o corpo, como órgão da sua vontade, sendo capaz de interferir nas coisas do mundo exterior, as *iswim* como para renovar a partir do que já existe, como comenta Kátia Silva Coelho¹². Na

⁹ Cf. *Ibidem* 789-790.

¹⁰ Cf. KÁTIA GARDÊNCIA SILVA COELHO, *A liberdade na relação indivíduo e comunidade segundo Edith Stein*, Programa de Pós-graduação em Filosofia 36-37.

¹¹ Cf. EDITH STEIN. *Escritos Antropológicos y Pedagógicos*, en *Obras Completas – IV*. Monte Carmelo, 2003 790-791.

¹² Cf. KÁTIA GARDÊNCIA SILVA COELHO, *A liberdade na relação indivíduo e comunidade segundo Edith Stein*, Programa de Pós-graduação em Filosofia 38.

opinião de *Sancta Theresia Benedicta a Cruce*, o corpo do ser humano não se restringe somente a ser uma massa corpórea, é, sim, um corpo animado. Por influência de Husserl, Edith Stein considera que o corpo distingue-se em corpo vivo e não-vivente, isto é, como corpo que não possui vida *per se*, chamado de “Körper” (cadáver), e como corpo vivente, um corpo que vive de “Leib” (corpo vivente)¹³. Deste modo, o corpo, além de ser considerado como coisa material, será a mediação da pessoa com o mundo exterior, uma vez que é através dele que o ser espiritual anímico e a vida se expressam. Como considera Kátia Silva Coelho, primeiro percebe-se o corpo de dentro, dado que sentimos o que lhe ocorre e o vê como objeto de reflexão. Assim, começa com o nosso próprio corpo, pelo qual ocupa um lugar no espaço e no tempo, proporcionando o reconhecimento da nossa existência no mundo exterior, estando diretamente vinculado a ele, de tal forma a surgir um não existir num corpo próprio sem sujeito. O Eu está sempre ligado ao Corpo¹⁴. A humanização, em saúde, reflete este desiderato de E. Stein ao considerar a possibilidade das ligações entre o Eu do médico e o Eu do doente, relativamente a variados corpos, desde o *corpus medicum* até ao *corpus pathologicum*. Esta é uma virtualidade da humanização em saúde, ao poder elaborar um modelo, a partir do pensamento fenomenológico de E. Stein. Desta sorte, segundo E. Stein, o indivíduo, onde reside o ser vivente, pertence a um núcleo, que anima e restaura o corpo, proporcionando o desenvolvimento, que consiste num processo de crescimento, onde se procura atingir o máximo do desenvolvimento humano. Por meio deste processo, percebemos que existe uma série de exercícios como alimentação, respiração, etc. Com efeito, tal como se vivencia na humanização, em saúde, tais exercícios são úteis para se chegar aos objetivos do desenvolvimento, como se afirma em Fisiologia, assim como estados, que poderão dificultar as atividades do ser vivente como vigor, esmorecimento, saúde, doença, que testemunham a percepção de um força vital. Presente no nosso organismo e que exercerá, de maneira a favor ou inibindo o desenvolvimento, na vivência dentro do organismo, tal como atestam a Biologia Molecular e a Bioquímica.

A fenomenologia da corporeidade, em Edith Stein, permite orientar-nos na compreensão da complexidade do ser humano, da via, da alma e do espírito, que se encontra no exterior, isto é, na sua peculiaridade corpórea, visto que o corpo humano se assemelha e, *in hoc tempore*, se diferencia

¹³ Cf. A.A. BELLO, *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*: EDUSC, Bauru 2004 52.

¹⁴ Cf. KÁTIA GARDÊNIA SILVA COELHO, *A liberdade na relação indivíduo e comunidade segundo Edith Stein*, Programa de Pós-graduação em Filosofia, 38.

dos demais corpos do mundo exterior, tal como diz a pensadora de Breslau, pelas seguintes palavras: “A esta peculiaridade do corpo humano, pela qual constitui uma figura determinada, fechada em si mesma, indivisível e não unificável com outras, poderemos denomina-la individualidade. (...) O corpo humano partilha esta peculiaridade com os outros organismos. Já no âmbito do meramente material dá-se algo análogo: os cristais são estruturas de figura determinada e fechada em si mesma. Não se podem romper sem que perca a sua natureza própria; ao contrário podem-se unir com outros para formar pedaços maiores”¹⁵. Na humanização, em saúde, estão presentes todas as noções fundamentais da antropologia de E. Stein, como: corpo, alma, espírito, individualidade, aberturas externa e interna.

Ao aprofundar a peculiaridade do ser humano, percebemos, no pensamento de E. Stein, que uma coisa que distingue o ser humano dos demais animais é a “verticalidade”, tal como salienta ao dizer: “a posição vertical, a nudez como uma relativa falta de cobertura da figura básica e a relativa visibilidade de estrutura interna do corpo através da figura superficial”¹⁶. O ser humano, ao longo do seu existir individual, atravessa uma série de figuras normais, como: a figura do menino, que tem uma estrutura diferente do jovem e do adulto, bem como do idoso. Toda a humanização em saúde é atravessada por este desenvolvimento e por estas diferenças. Daqui que a reflexão fenomenológica proporcione um caminho de abertura, externa e interna, para estabelecer a essência do corpo e da alma. O ponto de partida, sintetizado por Kátia Silva Coelho, leva à compreensão da sua estrutura ôptica última, sendo o ponto de partida para alcançar um entendimento daquilo que não é espiritual, como espírito vivo e esta compenetração conduz fenomenologicamente ao corpo vivo animado, que se faz presente diante de nós desde dentro. através do espírito, pelo qual se sente animado por ele¹⁷. Na verdade, para E. Stein, a corporeidade apresenta-se de maneira impessoal no que concerne às suas vivências, que pelos sentidos não atingem o Eu espiritual. Deste modo, não conduzirá a nenhum movimento espiritual de apreensão do significado. Finalmente, em E. Stein, verificamos que a pessoa humana não se reduz ao corpo, mas esse corpo é constituído de alma e espírito, que vivifica a corporeidade¹⁸.

¹⁵ EDITH STEIN, *La estructura de la persona humana*, Espiritualidad. Madrid. 1998 58.

¹⁶ *Ibidem* 59.

¹⁷ Cf. KÁTIA GARDÊNIA SILVA COELHO, *A liberdade na relação indivíduo e comunidade segundo Edith Stein*, Programa de Pós-graduação em Filosofia, 40.

¹⁸ Cf. *Ibidem*.

A humanização em saúde é marcada pelas vivências do corpo vivo e do corpo vivente, entre a saúde e a doença, determinando uma relação com a alma e o espírito, numa permanente abertura, entre todas estas variáveis ônticas. A humanização é uma vida vivida, marcada pela corporeidade. A vida da alma está sempre presente na humanização em saúde. E. Stein entendeu, muito bem, que o “corpo vivo” não se reduz somente à matéria, mas esse corpo possui uma “interioridade”, pela qual pode conhecer a existência de uma unidade do sujeito, formado de corpo e de alma. Segundo E. Stein, o conceito de alma possui dois significados, seja como estrutura da “psique”, seja como espírito. Na pessoa humana, a “psique” encontra-se, pois, vinculada ao espírito e ao corpo, enquanto o espírito cumpre a tarefa de unir, bem como modificar a alma. Assim, será possível reconhecer, em E. Stein, a alma como uma unidade substancial, que constitui analogicamente a coisa física¹⁹.

A humanização tem muitas almas, desde a do doente até à do médico. São almas que formam um todo, numa verdadeira relação e fundamento de corporeidades, onde há espírito e vida.

As duas dimensões são prementes e permanentes na humanização. São uma totalidade e vida como totalidade. A humanização tem estes rasgos: material e espiritual. Vive do corpo vivo e vivente na espiritualidade. É uma verdadeira espiritualidade, sem que, muitas vezes, nem o médico, nem o doente, se deem conta. No mundo mental de E. Stein, todo o que existe pertence ou à Natureza ou ao Espírito. Somente a pessoa humana participa, eminentemente, dos dois âmbitos. Ainda que a pessoa humana não seja puro espírito, será o espírito que faz a pessoa, definindo-a. Será, pois, pelo Espírito que a pessoa humana se poderá chamar de “imagem de Deus”. Tal como se testifica pela seguinte afirmação de E. Stein: “A prerrogativa do homem perante as criaturas inferiores é, que ele, enquanto espírito, é uma réplica de Deus”²⁰. Para E. Stein, o Espírito significa particularmente “abertura”. O Espírito é a dimensão da “abertura” da pessoa, é aquilo que faz com que a pessoa seja pessoa. A pessoa é uma “abertura espiritual”²¹.

¹⁹ Cf. EDITH STEIN, *Estudios Filosóficos: etapa de pensamiento cristiano*, in *Obras Completas – III*, Madrid: Monte Carmelo. Madrid. 2007. 120.

²⁰ “Wenn es der Vorrang des Menschen vor den niederen Geschöpfen ist, da berait Geist Gott nachbildet (...)”. (EDITH STEIN, *Endliches und Ewiges Sein, Versuch eines Aufstieges zum Sinn des Seins*, in: *Edith Steins Gesamtausgabe, 11/12*, Herder-Verlag, Freiburg. 2006 431).

²¹ Cf. JOSÉ LUIS CABALLERO BONO, “Ejes transversales del pensamiento de Edith Stein” en *Teología y Vida*, 51 (2010) 40 - 41.

Segundo E.Stein, a percepção sensível é já um ato espiritual, uma vez que será uma expressão do Espírito e da “abertura” da pessoa. Desta sorte, não há contraposição entre sensibilidade e espírito, mas sim entre natureza e espírito. Na humanização em saúde deverá existir uma complementaridade entre natureza e espírito. Aqui formam um todo na relação médico-doente. Esta complementaridade será uma riqueza na humanização nem saúde.

Com efeito, o formalmente constitutivo do Espírito não é a desvinculação, presente ou possível, de um corpo. Na pessoa humana, o espiritual é rigorosamente inseparável do corporal. Na sua obra *Endliches und Ewiges Sein*, chega a escrever que o corpo terá de conservar-se, de algum modo, depois da morte da pessoa, mesmo que perca algo da sua natureza. Assim se exprime E.Stein: “A separação do corpo vivo e da alma na morte é seccionamento de uma unidade natural e não pode suprimir a co-pertença. Ambas as partes perdem aí algo da sua natureza”²². Segundo a Santa de Auswitz, aquilo que define o “espírito”, não é a independência, mas antes a “abertura” Há, segundo esta fenomenologia personalista, uma dupla direção da “abertura espiritual”²³. A humanização em saúde, guiados pelo pensamento de E. Stein, é uma “abertura ao espírito” por pessoas (médico e doente). A pessoa cria esta abertura, mas tem por base uma outra abertura, denominada “abertura da natureza”, dada pelo “corpo vivo” (Leib).

2.- A educação, enquanto intervenção, realizada no *status vitae* só será possível se é uma ação, que se dirige a um “fim”. A partir do momento que a educação, *per naturam suam*, consiste na formação do ser humano, como ele deve ser e como ele deva “conduzir-se”, neste mundo, para conseguir o fim sublime para o qual fora o homem criado. Assim, é claro que a autêntica *e-ducere* (*duco*) é aquela que tem como fim a realidade última²³.

No pensamento de E. Stein, o fruto da educação deve ser o homem sobrenatural, que coerentemente pensa, julga e age em conformidade com a razão, iluminada pela luz sobrenatural do exemplo e do ensinamento de Cristo²⁴. Ainda, segundo E. Stein, será diante da exigência acutilante da pedagogia teórica e prática, que se faz clareza sobre a “imagem do homem”, e como ela deverá existir. Na narrativa da criação, encontramos a lápida pa-

²² “Die Trennung von Leib und Seele im Tode ist Durchschneidung einer natuerlichen Einheit und vermag die Zusammengehorigkeit nicht aufzuheben. Beide Teile verlieren dabei etwas von ihrer Natur” (EDITH STEIN, *Endliches und Ewiges Sein*, nota, 313).

²³ EDITH STEIN, *Ganzheitliches Leben*, V, 2.

²⁴ Cf. *Ibidem* V, 2.

lavra: Deus fez o homem segundo a sua imagem. Daqui a petição do Senhor: Sede perfeitos como é perfeito o Vosso Pai, que está nos céus. Ser imagem Bild de Deus como ser perfeito. Assim, de forma mais breve, como “deve ser” o homem?²⁵ Em que consiste a imagem e semelhança de Deus? O que é a perfeição? A via será de preferência a via que conduz à realização de um ideal de perfeição: a contemplação da perfeição que é dado reencontrar-se nos homens.

Mas, a imagem do ser humano perfeito vem dada pelo exemplo e pelo ensinamento (parábolas) e sinais de Cristo. A humanização, em saúde, deverá ser à imagem do homem, onde se encontra a perfeição clínica. Esta perfeição é uma disposição da alma. Ser perfeitos segundo a criatura não significa senão ser integral e genuinamente aquilo que devemos ser. Isto, para qualquer criatura, traduz-se num “limite”²⁶. Logo, a humanização em saúde, está entre o “Bild” e o “Ur-bild”, desde a formação (educação) até ao modelo (paradigma). Se o *ofieri* da humanização em saúde reside na *e-ducere* (formação) ou “Bildung”, então o fim da humanização reside no paradigma, que nos vem do Desvalido no Caminho (marginal, doente, etc.) ao Samaritano, que se oferece como contra-dom (tarefa) – Aufgabe –. O modelo está no mesmo verbo com que Jesus Cristo caracteriza a atitude das personagens de algumas parábolas, quando se encontram numa situação de necessidade humana, ora perante o semi-vivo (Lc 10, 33) ou no filho pródigo (Lc 15, 10). A humanização, em saúde, segundo a formação, - Bildung -, implica criar ou formar uma realidade que é “habitada”. Na medida, em que a pessoa se vai adentrando no seu mundo interior, abre-se à vida que a “habita” (ora como doente, ora como saudável), sustentada e, a partir daí, caminha para a dimensão mais profunda da existência, podendo fazer a experiência de uma realidade, que a transcende, a partir de sensações profundas e significativas de âmbito aretológico.

É a sensação de que, apesar de tudo, posso confiar. É a sensação inquestionável, de que tudo tem sentido, de que me posso abandonar a ela em

²⁵ Cf. *Ibidem* V, 2 .

²⁶ A limitação da natureza humana não significa, entretanto, que o homem nem possa ser somente homem e que a sua perfeição possa ser somente humana, mas antes que o homem singular não possa ser tudo aquilo que é, em potência, na natureza humana. [Cf. EDITH STEIN, *La Vita come totalità, scritti sull'educazione religiosa*, traduzione del tedesco, Città Nuova Editrice. Roma. 1994 215]. Segundo Mt. 5: 48, a perfeição do homem é um imperativo semita, que se refere pela palavra *tāmin* (ser íntegro), que S Jerónimo traduziu por: “*estote ergo vos perfecti, sicut Pater vester perfectus est*”. O termo hebraico *tāmin* está relacionado com *Amen*, que significa estar “seguro ou firme na fé”.

descanso. Ouvimos a voz do coração dizer, podes confiar. Na humanização sem paternalismos, há a “confiança” do doente no seu clínico. Como reflete E. Stein, cada um encontra o seu caminho para Deus. O encontro verdadeiro com Deus só é efetivo se passa por um encontro consigo próprio, no mais recôndito de si mesmo²⁷. No “si-mesmo” de X. Zubiri está a humanização. Esta tem um fundamento “ser-mesmo”. O primeiro nome de Deus, tal como o ser humano o experimenta é a atração. Deus é aquele que “atrai”, que se nos revelou, na Aliança do Sinai, como totalmente atraente pelos símbolos do Primeiro Testamento. Na parábola do Samaritano, quem “atrai” é o “semi-vivo”, para que haja a “remoção das vísceras”. O médico é “atraído” e “recebido” pelo doente. Este é que acolhe o médico e não o contrário, como se afirma em psicologia e sociologia clínicas. Na humanização hospitalar, o doente é que “recebe” o doente e surge logo de seguida uma “recitação” pela anamnese. O doente, por esta, “recorda” as queixas do doente.²⁸ Ao entrar “em mim”, experimenta um movimento de ser atraído, de ser suavemente aspirado até ao mais profundo de mim, até ao meu centro vital: o coração. Ouço uma voz que não me é estranha, mas antes familiar, como realidade que se comunica, quente, amorosa, gozosa, como o meu ser. Pela humanização, ao aproximar-se dele (doente) “leio” aquilo que vou “vendo” e “ouvindo” de dentro.

A vivência da fé, como sensação de Deus, revela-se em Jesus Cristo e que necessariamente revela o ser humano. O médico sente-se, ouve-se e fala com doente pela atração que este como “semi-vivo” lhe provoca pelo “movimento do coração”²⁹. Todo o ser humano pode fazer a afirmação de que o meu eu profundo deseja o bem das pessoa. Segundo a humanização pelos caminhos da saúde, para que se levante a capacidade de amar, ao deixarmos-nos afetar, pela doença ou marginalidade dos outros, requer-se, por um lado, que a pessoa possa “acolher” e amar-se a si mesma, por outro, que tenha o desejo de viver de acordo com o que é do fundo do coração. Por aqui se vê como a humanização em saúde vai de um fundamento antropológico racional até ao fundamento antropológico. Pelos caminhos antropológicos, a narrativa do caminho refere-nos que o doente vive como ser “habitado”, tem um *oikos* (casa) e um *ethos* (conduta). A humanização, em saúde, repete

²⁷ EDITH STEIN, *Was ist der Mensch, eine theologische Anthropologie*, Band XVII, Herder-Verlag, Freiburg, 1994 22-23.

²⁸ RAMIRO DÉLIO BORGES MENESES, “Diagnóstico, prognóstico e teste”, em *Enfermagem Oncológica*, 1 (1997) 66-72.

²⁹ EDITH STEIN, *La Vita come totalità, scritti sull'educazione religiosa*, traduzione del tedesco, Città Nuova Editrice, Roma, 1994 216.

atos clínicos eletivamente para tornar mais “habitada” a estalagem da parábola (Lc. 10,25-37), por aqui se vê eticamente a relação entre *oikos* e *ethos*. Na humanização há sempre uma morada da conduta recebida e acolhida no “semi-vivo” (doente). Ele recebe-se e acolhe-se na “casa” (nosocómio). A humanização, em saúde, supõe uma “casa” (*oikia*), onde pulsa o “coração”, do doente passivamente, para depois se tornar activo. Sem este “habitáculo” não “aparece” a humanização. O vivido empático, que se fundamenta na ipseidade de uma subjectividade-estranha, não se reduz a uma percepção externa, nem se realiza à maneira da intuição de um axioma, nem se poderá confundir com a presença da recordação. A empatia (*Einführung*) constitui-se a partir do nível sensorial na percepção de um corpo sensível e móvel. Por meio do sujeito empático, aparece a distinção entre “*Körper*” e “*Leib*”. Segundo E. Stein, empatia e percepção interna trabalham, lado a lado, para se relacionarem, onde se sintetiza a experiência pela qual se acende o relevo do mundo³⁰. Segundo E. Stein, a noção de alma (*Seele*) é funcional para a significação da união substancial, que preside à vitalidade do Eu, que exhibe a estratificação do “*Wissen*”, do “*Fühlen*” e da “*Willen*”³¹. Segundo esta fenomenologia, a percepção interna oferece ao sujeito a transcendência que o constitui na sua imanência. A determinação da especificidade do “*Einführung*” será relativamente ao compartilhar (*Mit-fühlen*) e à unipatia (*Einführung*). Pelo pensamento de E. Stein, somente aquele que vive, por si mesmo, como pessoa, como um todo significante, poderá compreender a outra pessoa.³²

O Bom Samaritano viveu como um todo significante (pessoa), porque cuidou da outra pessoa: Desvalido no Caminho. Este permitiu a empatia do Samaritano. A percepção interna deste induz no Eu uma empatia, que começa no Outro (Desvalido). A descrição fenomenológica torna clara a complexidade do “vivido empático”, porque o “*Wissen*” está num duplo *patti*: um Eu (*ego*) como um *se* e um *ego* como um *alter*. Desta feita, está o *Ego in se* representado no Desvalido no Caminho e o Samaritano encontra-se no *Ego*

³⁰ Cf. EDITH STEIN, *Zum Problem der Einführung*, Kafke. München. 1980 101.

³¹ O Eu individual é um objeto unitário, no qual a unidade da consciência de um Eu e de um corpo físico (*Körper*) o conjugam indissolivelmente. O corpo apresenta-se como um corpo próprio (*Leib*), a consciência refere-se como alma (*Seele*) do indivíduo unitário. A unidade será documentada pelo facto de que certos processos sejam dados como pertencentes tanto à alma, quanto ao próprio corpo. (*Ibidem* 63).

³² Cf. *Ibidem* 129.

*in altero*³³. Da mesma forma, esta relação aparece na narrativa de Betânia, onde há um *Ego-alter* (Marta e Maria) e *Ego in se* (Jesus Cristo). Assim, o “Einfühlung” surge, no pensamento de E. Stein, como compreensão das pessoas espirituais, onde a “intropatia” é, sobretudo, a experiência intersubjetiva do mundo exterior e esta “intropatia” permite-nos entender o tipo de *Homo Religiosus*, que me aparece como um Outro-estrangeiro³⁴. A “Einfühlung” havia sido um saber se a relação ao “outro” é uma relação a um análogo, ao *alter ego*, da quinta meditação cartesiana, discernida através do esquema dos corpos. Mas, a intuição dos valores será descrita por Scheler, e esta, sendo emotiva (auf dem Rücken), distingue-se, como “Ein-fühlung”, da “Ein-sicht” (intuição), puramente intelectual, e transpõe o “coração”, de que M. Scheler toma de Pascal a capacidade da “razão”³⁵.

A separação entre “Einsicht” e “Einfühlung” induziu, mais tarde, E. Stein a falar sobre o sentimento e da “Lebensgefühl”, que é a manifestação da alma a um Eu. A alma (Seele) abre-se ao mundo dos valores³⁶. A “empatia” (Einfühlung) é uma forma de conhecimento. Com efeito, E. Stein apela, adotando uma postura crítica, à “empatia” como meio necessário, para que a intercomunicação das vivências humanas chegue a bom termo³⁷. A empatia (Einfühlung), que não é equiparável à percepção externa, ainda que tenha algo em comum com ela, não se refere como pura expressão fantástica. Trata-se, pois, de uma vivência que se atualiza de diversos modos, em que o homem capta a vida psicossomática de outro homem³⁸. Contudo, para

³³ Sob a análise eidética, o perfil da subjetividade, mediante a redução (*epoche*), onde o Eu puro atual sem a qualidade vem descrito como “ipseidade”, que refere a diferenciação perante o Outro, qualificando-se não simplesmente como unidade de um fluxo de consciência, dado que vem como suporte de propriedades constantes e princípios do “agir livre”. E. Stein, ao apresentar a alma (Seele) como substância do Eu, recolhe a datidade da analítica do “erlebendes Ich”, onde a intencionalidade é conotada segundo uma modalidade afetiva e volitivo-decisional. (Cf. *Idem, Einfühlung in die Philosophie*, Innsbruck.Tyrolia-Echter.Innsbruck 1992 155-160). Por meio da mediação da minha sensibilidade, Eu sou o meu “corpo”, mas este *Ego*, que se exprime, é um ser que pertence ao reino do espírito. (Cf. *Idem, Zum Problem der Einfühlung*, Buchdruckerei des Waisenhauses.Halle.1917 115).

³⁴ Cf. O. DE BERRANGER, “Edith Stein on the Chasteté des choses”, en *Nouvelle Revue Théologique*, 114 (1992) 538-539.

³⁵ Cf. RAMIRO DÉLIO BORGES MENESES, “Humanização Clínica pelo caminho do encontro : entre G. Marcel e E. Stein” en *Aporia*, 4 (2012) 73-75.

³⁶ Cf. EDITH STEIN, *Beitrag zur philosophischen Begründung*, II, Niemeyer. Tuebingen. 197 204.

³⁷ Cf. MARCO EPIS, “Io, anima, persona nella fenomenologia di Edith Stein”, en *Teologia*, 27 (2000) 61-62.

³⁸ Cf. EDITH STEIN, *Zum Problem der Einfühlung*, Kafke, München.1980 33.

poder participar nas vivências internas do Outro, será imprescindível ter experiência da sua consciência. A verdadeira empatia será aquela em que dois sujeitos chegam a ser um só³⁹. A empatia, segundo o método fenomenológico, leva-nos da “ipseidade” à “alteridade” no pensamento de E. Stein⁴⁰. Na leitura da narrativa do Bom Samaritano, pela “empatia” aretológica, como hábito eletivo, o Bom Samaritano identifica-se com o “semi-morto” e vice-versa. Pela “misericórdia” do Deus de Jesus Cristo, identificam-se o Bom Samaritano com o Desvalido no Caminho. Se, num primeiro momento, capto o “Outro”, como um corpo vivo, ou seja, na medida em que o “empatizo”, então não só se converte no centro ou no ponto de orientação, como também enriquece a imagem do mundo. Verdadeiramente, a “empatia”, decisiva em ordem a possibilitar a experiência de um mundo estranho, servirá para a constituição do próprio indivíduo⁴¹. A empatia é um elemento fundamental na relação médico-doente.

3 - A “empatia”, como fundamento da experiência intersubjetiva, estabelecer-se-á como condição de um conhecimento do mundo exterior existente. A pouco e pouco, este mundo exterior deixa de ser um mundo estranho⁴². Segundo o paradigma da humanização, na linha do Bom Samaritano, aceder às vivências significa penetrar no reino do espírito. E, de acordo com o pensamento antropológico de E. Stein, o espírito torna-se visível no “corpo-vivo”⁴³. O espírito de misericórdia do Bom Samaritano torna-se visível

³⁹ Cf. *Ibidem* 37- 43.

⁴⁰ Cf. JUAN GARCÍA ROJO, “Alta Estima del Hombre: la antropologia de Edith Stein”, en *Salamanticensis*, 46 (1999) 30-31.

⁴¹ Desde o ponto zero de orientação, ganho na empatia, devo considerar o meu próprio ponto zero como um ponto especial entre muitos outros e já não como ponto zero. Assim, e só assim, aprendo igualmente a ver o meu corpo físico como um corpo. (Cf. EDITH STEIN, *Zum Problem der Einfühlung*, 109). A aprendizagem do “corpo-vivo” cataloga-se, segundo E. Stein, pela “empatia reiterada”, que se leva a cabo pela recordação e pela fantasia, possibilitando uma complexa captação do indivíduo.

⁴² Cf. *Ibidem* 111.

⁴³ O corpo, segundo E. Stein, constitui-se de dupla forma, como sensorialmente percebido pelo Eu (*ego*) e como externamente percebido pelo mundo espacial. O corpo vivo é sempre constituído por sensações. Não só o corpo, como também o Eu (*ego*). (Cf. *Idem*, *Zum Problem der Einfühlung*, 86). Entre as vivências e as capacidades da alma (*Seele*), existe uma relação causal. Só do Eu, que quero, se pode dizer que sou senhor de um corpo animado. (Cf. *Ibidem*, 99).

no “semi- morto” (desvalido) pela empatia, porque vem da alteridade⁴⁴. A humanização é uma aposta decisiva pelo *Homo Dolens*, onde surge uma alta estima do homem, tal como E. Stein afirma através do homem justificado, nas palavras da Santa de Auschwitz: “Assim como à natureza do homem pertencem necessariamente certas faculdades corporais e espirituais, assim também a graça, como princípio de vida sobrenatural, tem virtudes sobrenaturais de fé, esperança e caridade, como atributos necessários a uma vida atual, possuindo uma série de atos de adoração, confiança, entrega, súplica, agradecimento e atuação ao serviço de Deus”⁴⁵. A humanização, em saúde, na linha de E. Stein, marca encontro, ora com a “hamartiologia” (negligência médica), ora com a “cairologia” (adequados diagnósticos e tratamentos). No estado de graça, do *Homo Viator*, a união com Deus produz-se por meio do conhecimento (natural e/ou revelado) e do amor⁴⁶. Segundo a humanização, ao tornar-se mais pessoa num hospital, estamos, muitas vezes, sem o saber, a completar aquilo que falta à Paixão e Morte de Cristo pelo sofrimento. Quando a humanização, como pedagogia da relação médico-doente, renuncia a beber nas fontes da Revelação, arrisca-se a deixar de lado o essencial, daquilo que podemos saber sobre o homem⁴⁷, até porque a humanização, pelo pensamento de Scheler, resulta de um “interesse soteriológico”.

⁴⁴ O Eu é o mesmo e não o “outro”. Esta “mesmidade” ou “ipseidade” (*ipse*) é experimentada, por um lado, enquanto se converte em fundamento de tudo aquilo que é meu, por outro, é colocado frente à alteridade dos demais. A alma, porém, é substrato das vivências e portadora das mesmas, concebendo-se como unidade substancial, sendo a base dos elementos categoriais.

⁴⁵ Cf. EDITH STEIN, *Was ist der Mensch? Eine theologische Anthropologie*, Herder, Freiburg. 1994 106. Segundo a filósofa, advém ao homem o estar unido a Cristo. Isto quer dizer que a vida da graça não é propriamente a sua vida, mas a vida de Cristo. A graça não é algo que aconteça fora ou à margem da vida natural de uma pessoa. A graça, na verdade, impregna o homem todo, dado que a natureza e a graça dependem da mão do único Deus, devendo esta contemplar a natureza. (Cf. *Ibidem* 115).

⁴⁶ Cf. RAMIRO DÉLIO BORGES MENESES, “Humanização Clínica: pelo caminho do encontro: entre G. Marcel e E. Stein” 74-75.

⁴⁷ Na humanização em saúde, pelo paradigma do Bom Samaritano, a iniciativa parte do Desvalido, símbolo de Cristo, a caminho de Jerusalém. Este fez com que as “vísceras” se removessem no “estrangeiro”. O Bom Samaritano é uma “imagem bíblica” do Deus de Jesus Cristo, pela metáfora da misericórdia, que já vem do Antigo Testamento. A iniciativa vem de um Deus (Desvalido no Caminho), que encaminha o Samaritano. Na humanização, é Ele que vem ao encontro do homem, que será sua imagem na medida em que for fecundo (co-criador) e senhor (cultivando a terra). Este é o encargo que o homem recebe de Deus, que careceria de sentido se não fosse capaz de o compreender e de o levar a cabo. Conhecimento e vontade livres são próprios do homem. Neles, e através deles, assemelha-se a Deus, como nenhuma outra criatura terrena. Assim, poderemos ler, em E. Stein: “Das Innerste der Seele haben wir

4 - Um dos maiores especialistas em fenomenologia, que existe em Espanha, J.Caballero Bono, escreveu que o próprio do espírito é não ser necessariamente correlato de um corpo. O espírito, escreveu ele a propósito de Edith Stein, reúne as propriedades, que não apresentam características descritivas, que as ligue necessariamente ao corpo, muito embora se encontram em ligação essencial com o “espírito” e poderão pensar se, por conseguinte, dadas também nos sujeitos não humanos e em sujeitos puramente espirituais. A percepção sensível é uma função espiritual e verificamos que se encontra ligada a um corpo. No cabe pensá-la num sujeito que seja puramente espiritual, e que careça de corpo. Será verdade que, na classificação dos sentimentos, Edith Stein refere que tem a ver com os «sentimentos espirituais». Mas, são aqueles cujo conceito não está incluído na ligação a um corpo vivo. Por exemplo, o sentimento de alegria. O crente concederá que Deus se alegrará, mas não por ele admitirá que tem palpitações do coração ou como coisa parecida. Apesar de tudo, o conceito de “sentimento espiritual” está muito determinado na obra de E.Stein e a palavra «espiritual» tem aqui um sentido restrito. Porém, é certo que, em muitas outras ocasiões, E.Stein emprega o epíteto «espiritual» em contraposição ao material corruptível. Todavia, o elemento constitutivo do espírito não é a desvinculação presente de um corpo. Na pessoa humana, o espiritual é rigidamente inseparável do corporal. Na obra *Endliches und Ewiges Sein*, Edith Stein chega a escrever que o corpo terá de se conservar de algum modo, depois da morte da pessoa, ainda que perca algo da sua natureza. Aquilo que define o Espírito não é a independência do corpo, mas antes a abertura. O conceito de “abertura do espírito” é fundamental para E.Stein. Este está presente na humanização em saúde, porque esta é a abertura do médico ao doente e vice-versa. A alma pode conhecer-se como dotada de profundidade. Terá, pois, um conhecimento que depende do movimento de “autoreversão” do espírito a que chamamos consciência. Numa fase tardia, E. Stein preferiu resumir

als die “Wohnung Gottes”. Kenne gelernt. Durch seine reine Geistigkeit ist es fähig, den Geist Gottes in sich aufzunehmen: durch seine freie Persönlichkeit (...) es sich so hinzugeben, wie es für diese. Aufnahme nötig ist (...) Es ist hier eine liebende Vereinigung: Gott ist die Liebe, und der Anteil am göttlichen. Sein, den die Vereinigung gewöhnt, muß ein Mitlieben sein Gott ist die Fülle der Liebe. Geschaffene Geister aber sind nicht fähig, die ganze Fülle der göttlichen Liebe in sich aufzunehmen und mitzuvollziehen (...) die Liebe trägt den Stempel der persönlichen Eigenart (...) Wohnung geschaffen haben mag, damit die göttliche Liebesfülle durch die Mannfaltigkeit verschiedengearteter Seelen einen weiteren Spielraum für ihre Mitteilung fände.” (EDITH STEIN, *Endliches und Ewiges Sein*, Herder.Freiburg.1962 461- 462). Naturalmente, a humanização tem uma “morada, que é um encontro amoroso pelo caminho da empatia.

que será a *persona*, não tanto mediante as três potências, quanto mediante os conceitos de consciência e de liberdade. A liberdade e a consciência constituem a personalidade, tal como nos diz E. Stein na obra *Der Aufbau der menschlichen Person. Vorlesung zur philosophischen Anthropologie*⁴⁸. A humanização em saúde será uma abertura ao homem-doente e a Deus. Existe uma relação viva de conhecimento entre as potências da pessoa, que irão permitir esta abertura aos seres e ao Ser Supremo.

CONCLUSÃO

E. Stein interroga-se sobre o problema do modelo (forma externa a ser imitada pela mente de quem plasma) inerente ao processo sobre o problema de os vários tipos de matéria caracterizarem processos distintos (com possibilidades e limites característicos), chegando à formação do homem, entendida como educação apoiada na filosofia escolástica. E. Stein classifica as matérias como inanimadas (matéria bruta e objetos) e animadas (diferenciando plantas, animais e ser humano) analisando a característica da modalidade de se deixar forjar por cada uma delas, (b) a questão da origem da ação plasmadora característica de cada tipo de matéria e (c) o problema do modelo pertinente para cada matéria específica. Tomada no âmbito da experiência vivencial, toda matéria tem já sua forma e disposição a receber novas formas. As plantas também são de natureza material, mas o que as caracteriza é que nelas se dá uma ação plasmadora desde o interior, transformando-se autonomamente: há nelas um princípio vital tradicionalmente chamado de “alma vegetativa” que torna possível um processo pelo qual assumem em si as substâncias úteis, que as circundam e as elaboram, formando a matéria, organizando-a, constituindo o organismo (forma variante articulada e, no entanto, unitária). As possibilidades de transformação estão ligadas necessariamente a seu princípio vital, ou o organismo que as destruiria; e não se pode conseguir nada que não esteja já inscrito na própria planta. Influências (naturais ou ações planejadas) conferem formas variadas, no sentido que podem levar a assumir esta ou aquela variedade. Quanto à matéria animada dos animais, é possível uma ação puramente externa (tosar uma ovelha, por exemplo), e também intervenções mais profundas com oportunas condições de vida, que influenciem o processo de crescimento. Mas o que caracteriza a

⁴⁸ Cf. EDITH STEIN, *Der Aufbau der menschlichen Person. Vorlesung zur philosophischen Anthropologie*, Herder-Verlag. Freiburg. 1976 102.

alma animal é que além das funções vegetativas, ela pode dispor da matéria através do próprio corpo, buscando ou evitando substâncias. Isso evidencia uma capacidade de perceber o que é útil ou nocivo: sendo uma alma cinética e sensitiva, pode-se falar em vida psíquica (com alternância de estímulos e reações); e apresentando características diversas segundo cada espécie, pode-se falar em estrutura psíquica. No caso dos animais, no processo formativo, a força interior visa dar à alma e ao corpo a forma a eles destinada. Influências podem alterar o comportamento externo (adestrando) ou variar até mesmo o processo formativo interior, co-determinando a estrutura psíquica, podendo-se falar em formação psíquica propriamente dita. No caso dos animais, a margem de influência é bem maior se comparada ao da matéria inanimada ou das plantas; mas há também um limite característico: o próprio animal pode oferecer resistência.

A matéria animada humana é unidade de corpo e alma. A alma que a caracteriza, alma intelectual, é espírito: tem existência própria e superior à do corpo: percebe o que acontece e o que acontecerá a ele, o governa e substancia o corpo de si mesma. A alma intelectual deve constituir, formar e governar a si mesma e contemporaneamente construir um mundo no qual ela possa viver e operar: seu ambiente é um mundo espiritual. Também esta alma precisa do constitutivo, da natureza espiritual.

O ânimo (conjunto de afetos e sentimentos) percebe o valor dos objetos e assim os absorve ou não utiliza sentidos e intelecto. Assimilando material constitutivo espiritual, a alma cresce, se enriquece-se, amplia-se e, ao mesmo tempo, cresce o mundo que ela explora discernindo. Quando isto acontece, pode-se falar em educação. Com a nutrição espiritual, ela assume o estímulo à ação: sente-se levada a fazer com que a própria essência, aquela que interiormente a plasma, demonstre a própria eficácia no exterior, em atos e obras que a testemunhem, sendo uma parte essencial da personalidade. Aqui, então, forças exteriores e interiores cooperam juntas para a formação. Assim, autoeducação só pode ser entendida no sentido de a própria pessoa colocar em ação as forças a serem amestradas, sem, no entanto, excluir a participação de outros, pois a educação não pode depender somente de quem é educado. Para todo esse processo, é necessário um bom material e que seja acessível para a pessoa. Sem material formativo adequado a ela não pode acontecer a formação para a qual, por natureza, ela é dotada. O ser humano é confiado a outros seres humanos, que podem e devem levar a ele materiais dos quais a sua formação necessita. Não há material formativo tomado do âmbito cultural ou pessoal de algum educador, que possa mudar a natureza de um ser humano: pode somente contribuir a fazer com que ele tome uma ou outra característica dentre suas possíveis direções no

processo de formação. O processo evolutivo depende da uma integração de múltiplos fatores externos, internos e do livre arbítrio das pessoas: seu êxito é imperscrutável.

Quanto à imagem segundo a qual plasmar o ser humano, uma íntima determinação pode se tornar evidente ao próprio sujeito somente quando ele passa a operar sobre si mesmo. Há sempre o perigo de processos imitativos em que o sujeito aspira algo que não é parte do projeto traçado pela sua própria natureza. Portanto, uma autêntica educação se dá somente à medida que aponta para traços humanos gerais, adquiríveis por todo ser humano ou então quando conta com uma autêntica afinidade entre naturezas. A quem cada homem é destinado nunca é plenamente percebido; mas Deus colocou no íntimo de cada pessoa um anseio pelo próprio destino. Cada criatura leva consigo uma visão imperfeita da imagem divina à qual nos assemelhamos. Esta visão dá-se de modo mais completo no mais completo Filho: devemos assumir em nós o quanto podemos desta imagem, de modo que se faça forma íntima e nos plasme desde o íntimo. Devemos também procurar compreender o projeto que nos sustenta, e aquele das pessoas a nós confiadas como educandos. Mas teremos segurança infável sobre isso se colocarmos todos na mão d Aquele que sabe o que será de nós e que tem poder para nos conduzir ao nosso destino, desde que tenhamos boa vontade⁴⁹. Por análises próprias, com métodos próprios, segundo as suas próprias tradições culturais e religiosas, E. Stein chega a afirmar a unidade da pessoa pela sua constituição corpo-alma e nisso apresenta a sua originalidade como indivíduo único e irrepetível, mas também portador de uma originalidade no mundo criado e no mundo espiritual. A pessoa tem um núcleo central de onde emana a verdade de si mesmo, um centro a ser ouvido, conhecido, acolhido como fonte de autenticidade, como portador de uma verdade sobre a pessoa a ser revelada, como portador de uma estrutura da pessoa a ser respeitada e favorecida. Para E. Stein, o mundo espiritual, que plasma toda a realidade criada, enriquece-se por meio da contribuição de sujeitos, que contribuem autêntica, original e coerentemente com sua própria estrutura pessoal, que se forma adequadamente à imagem conservada no íntimo da alma. Aqui se insinua a grande diferenciação entre Buber e Stein. Para o judeu, o motor da história pessoal e cósmica pode entrar em ação pelo despertar-se contínuo da responsabilidade do homem, que se re-

⁴⁹ Cf. M. MAHFOUD. *Formação da pessoa e caminho humano: Edith Stein e Martin Buber*. Memorandum, 8, 52-61. Retirado do World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/mahfoud02.htm> Memorandum 8, abr/2005.

conhece inautêntico, mas aceita a provocação, que advém da dor de sê-lo, e do íntimo de seu coração emerge um projeto pessoal a ser obedecido, uma palavra misteriosa, que permite a integração na História, que conduz toda a humanidade para uma realização cósmica no Absoluto. Para a judia-católica, o íntimo da alma tem poder formador sobre o próprio sujeito e é garantia de autorrealização, porque ligada a uma imagem autêntica, já estruturalmente. Para esta, o processo formativo depende do movimento do sujeito, mas inevitavelmente também da matéria que é oferecida à pessoa para seu processo ativo de assimilação, pelo qual vem a plasmar o seu próprio ser em corpo e alma; contando com o centro pessoal como centro fundante do ser pessoa, na medida em que oferece uma imagem autêntica. Mas sobretudo, o que de mais importante pode ser oferecido para a formação da pessoa, segundo E. Stein, é a possibilidade de conhecer a correspondência humana experimentada na relação com o Filho de Deus, que entrou a fazer parte da história dos homens, de tal modo que a sua presença plasme o íntimo da alma, que passará a plasmar toda a pessoa, toda a sua atividade espiritual, toda relação social, contribuindo para constituir uma cultura marcada por uma certa correspondência com o humano que só algo divino pode proporcionar.

Todavia, como refere o Prof. W. Osswald, comentando o pensamento de E. Stein, “A peculiaridade do ser espiritual é poder dar-se sem se perder, recolher-se sem se fechar, guardar a sua autonomia correndo o risco heteronómico da entrega total a Deus”⁵⁰. A relação médico- doente é um poder dar-se sem se perderem, recolher, em favor da saúde, sem se fechar-se, guardando a autonomia, sem se esquecerem da heteronomia, que é fundamental na humanização em saúde. De facto, pode-se identificar o traço agustiniano “Deus dentro de nós e acima de nós” associado a traços tomistas – estes assumidos explicitamente no texto examinado – na objetividade da presença do divino na realidade histórica e circunstancial.

A humanização em saúde será estar desperto para com o doente. É uma “abertura espiritual” para com o doente e será estar com o doente. Conhecer⁵¹, segundo Edith Stein, significa adquirir uma nova noção ou fazer conhecimento de um novo objeto. A partir de qualquer conhecimento fazem parte três fatores: um objeto ou argumento, que vem comprimido, um sujeito ou um ser intelectual, que constitui o ato de compreender e a atividade

⁵⁰ WALTER OSSWALD, “Judia, filósofa, mártir: Um breve olhar sobre o percurso de Edith Stein”, en *Cadernos do Mosteiro*, Gráfica de Coimbra.Coimbra. 2 (2007) 340.

⁵¹ Cf. EDITH STEIN, *Ganzheitliches Leben, Schriften zur religioesen Bildung*, en *Edith Steins Werke*, Band XII, Herder Verlag. Freiburg. 1990 39- 40.

ou ato cognoscitivo. Eles são graus diferentes de conhecimento. Se desejo compreender qualquer coisa que se verifica em mim mesmo, na minha alma, os sentidos radicais não me são úteis. Será necessário, sim, um conhecimento de outra espécie, uma percepção interior ou um conceito interior (Anschauung). A humanização vive deste conceito interior, na relação médico-doente. Esta relação diádica é uma “Anschauung”. Para E. Stein, o espírito objetivo é o mundo dos valores e da cultura. Assim, E. Stein indicou, desde o princípio, como na relação intersubjetiva nos damos conta da hierarquia de valores, na qual vive a pessoa, que parece mais em conformidade com a “razão” (Vernunft). A clareza espiritual deverá estar presente no princípio e no fim da “educação” (Bildung). O ser humano deverá ter a clareza ou uma ideia clara, assim deve tornar-se pessoa, como ser espiritual, para possuir a própria auto-educação. O homem deve comportar-se por meio de princípios claros e sólidos. Tal clareza deve ser o fim da educação⁵².

BIBLIOGRAFIA

BELLO, A.A., *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. EDUSC. Bauru 2004.

BORGES MENESES, R.D., “Diagnóstico, prognóstico e teste”, em *Enfermagem Oncológica* 1 (1997) 66-72.

CABALLERO BONO, J., “Ejes transversales del pensamiento de Edith Stein”, em *Teologia y Vida*, 51 (2010) 39- 52.

COELHO, K. G. S., *A liberdade na relação indivíduo e comunidade segundo Edith Stein*, Programa de Pós-graduação em Filosofia, texto “online”. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza 2012.

DE BERRANGER, O., “Edith Stein on la Chasteté des choses”, em *Nouvelle Revue Théologique* 114 (1992) 530-549.

EPIS, M., “Io, anima, persona nella fenomenologia di Edith Stein”, em *Teologia*, 27 (2000) 56-68.

GARCÍA ROJO, J., “Alta Estima del Hombre: la antropologia de Edith Stein”, em *Salamanticensis* 46 (1999) 23-35.

⁵² Cf. *Ibidem* 45- 46.

MAHFOUD, M., *Formação da pessoa e caminho humano: Edith Stein e Martin Buber*. Memorandum, 852-61.

Retirado *World Wide Web*: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos/08/mahfoud02>.

OSSWALD, W., “Judia, filósofa, mártir: Um breve olhar sobre o percurso de Edith Stein”, en *Cadernos do Mosteiro*, Gráfica de Coimbra. Coimbra 2 (2007) 329 - 344.

SAWICKI, M., *Personal Connections: The Phenomenology of Edith Stein*, North Dame University. New York. 2010 “online”.

STEIN, E., *Ganzheitliches Leben, Schriften zur religiösen Bildung*, Edith Steins Werke, Band XII, Herder-Verlag. Freiburg im Breisgau 1990.

STEIN, E., *La Vita come totalità, scritti sull'educazione religiosa*, traduzione dal tedesco, Città Nuova Editrice. Roma 1994.

STEIN, E. *Was ist der Mensch, eine theologische Anthropologie*. Herder-Verlag. Freiburg 1994.

STEIN, E., *Zum Problem der Einfühlung*. Kafke, Muenchen 1980.

STEIN, E., *Einfühlung in die Philosophie*. Tyrolia-Echter, Innsbruck 1992.

STEIN, E., *Beitraege zur philosophischen Begrueudung*”, II, Tuebingen, Niemeyer, 1970.

STEIN, E., *Der Aufbau der menschlichen Person. Vorlesung zur philosophischen Anthropologie*, Herder Verlag. Freiburg 1976.

STEIN, E., *Endliches und ewiges Sein. Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*, Freiburg, Herder- Verlag 1962.

STEIN, E., *La estrutura de la persona humana*. Madrid: Espiritualidad, Madrid. 1998.

